

Revista Femass

eISSN 2675-6153

Número 6 - jul./dez., 2023


PODER ESCREVER HOJE

BE ABLE TO WRITE TODAY

Érika Menezes de Jesus

Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Docente do Instituto Federal Fluminense (IFF)

E-mail: erika.jesus@iff.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3791-4856>

Recebido: 14/11/2023

Aprovado: 18/12/2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.47518/ufv.v6i1.83>



Os artigos publicados neste número estão em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que os trabalhos originais sejam corretamente citados.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje:** palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

Longe de ser um livro encerrado em si mesmo, *Escrever, hoje* (2018) se apresenta como um convite a muitas reflexões sobre as relações entre linguagens, tecnologias digitais e o trabalho escolar em/para/com esses temas. É uma forma de entrar prudentemente na temática efervescente. Não porque prometa grandes respostas, mas sim por tratar o tema com os pés fincados no chão das condições reais da educação brasileira, permitindo avaliações dos contextos e indícios para mudanças.

Uma obra que reúne, em nove capítulos, textos escritos pela autora em diferentes momentos para diversos propósitos, geralmente ligados a eventos acadêmicos e, por isso, revela seu percurso de estudo e reflexões. O livro é escrito em linguagem bastante informal, clara, em tom de conversa, “desejando a sensação de proximidade com o leitor” (Ribeiro, 2018, p. 82), sem perder, contudo, a densidade temática e os conceitos trazidos ao longo dos textos. O primeiro capítulo é destinado ao prefácio que é assinado por Carla Coscarellie.

Sobre as tecnologias, não temos no livro um olhar romântico nem salvacionista: Ribeiro reflete e se posiciona criticamente sobre o que diferentes teóricos abordam em suas obras, sem perder de vista os impactos e as diferentes formas que os sujeitos lidam com o tema no cotidiano educativo, demonstrando também diferentes práticas de trabalho desenvolvidas em seu fazer profissional. Ressalta, contudo, que a discussão em torno do tema não reside mais em “*se vamos usar*, mas sim em questões sobre *como* e *quais* ferramentas ou linguagens empregar, para tais ou quais objetivos e funções” (Ribeiro, 2018, p. 79 – grifos da autora).

Outro aspecto que salta aos olhos é a constante interlocução com outros trabalhos na área. Para isso, resultados de pesquisas desenvolvidas por diferentes pesquisadores desde o final dos anos 1990 são citados. A esse respeito, inclusive, apresenta, no decorrer dos capítulos, uma ampla revisão de literatura, apontando diversos trabalhos e autores que escrevem sobre o tema em interlocução com os autores considerados renomados de diversas áreas como a história da leitura, a semiótica, a linguística, o letramento e a cibercultura.

Por se tratar de uma coletânea de textos da autora, cada capítulo apresenta uma estrutura fechada de construção textual, mesmo que haja muitos pontos de interlocução entre eles e, por vezes, conceitos e pressupostos se repitam no decorrer do livro.

No primeiro capítulo escrito pela autora – capítulo 2 –, são apresentados os conceitos gerais fundamentais para iniciar a discussão: cultura escrita, cultura impressa e cibercultura. A autora filia-se àqueles que concebem a cultura impressa e a digital como participantes da cultura escrita, negando uma oposição ou uma sobreposição da segunda sobre a primeira. Mostra as tensões e conflitos da convivência dessas duas culturas – a impressa e a digital – em nossa sociedade atual, trazendo três exemplos: a discussão dos profissionais de bibliotecas da cidade de Belo Horizonte a respeito da implantação de telecentros no espaço físico das bibliotecas; a publicação de um livro impresso sobre o uso de

ferramentas digitais por professores em salas de aula; e compara as tensões, adequações e conflitos a um estudo sobre estilos musicais de Ruth Finnegan (1998).

Ribeiro parte do pressuposto de que cabe aos espaços formais de educação a formação de sujeitos que saibam ler e escrever de forma “cada vez mais aprofundadas, mas também sofisticadas e funcionais” (Ribeiro, 2018, p.37), e defende, em seu terceiro capítulo, a necessidade de se conhecer os processos de produção e edição dos diferentes materiais escritos, com especial destaque para os textos jornalísticos, compostos por imagens e palavras. Traz o conceito de letramento, relacionando-o à noção de edição, com a finalidade de adensar sua defesa na formação de sujeitos leitores, escritos e editores mais atentos aos efeitos da edição, conseqüentemente mais críticos e menos manipuláveis.

Tomando o conceito de letramento como uma prática social ligada às demandas de participação na cultura escrita e seus decorrentes “estilhaçamentos”(Ribeiro, 2018, p.41), na quarta parte se desenvolve a necessidade da leitura de imagens no cenário social atual. Para isso, o conceito de signo pierciano dentro da semiótica é desenvolvido e é narrada uma pesquisa sobre leitura de signos das interfaces de dois programas do pacote Office, realizada pela autora com estudantes do ensino médio. Nesse texto também, a autora problematiza a noção de nativos digitais, retomando sua origem e fazendo uma crítica explícita ao uso do termo e a generalização que ele apresenta.

O capítulo cinco é destinado à reflexão sobre diferentes conceitos ligados à linguagem, como palavra, a relação entre palavra e imagem, o texto, o livro. Ribeiro tece reflexões acerca do processo criativo dos homens a partir da pesquisa sobre o processo criativo de dois ilustradores, do processo de escrita/criação de pesquisas acadêmicas, do processo de se criar pelas palavras/imagens/textos/livros e finaliza a reflexão afirmando ser o processo criativo o elemento central do trabalho educativo.

Concebendo o professor como, em certa medida, um editor e partindo do pressuposto de que as tecnologias servem para auxiliar o ser humano em distintas tarefas, no capítulo seis há a abordagem sobre os usos das tecnologias no fazer pedagógico enfocando o conceito de multimodalidade. Sem supervalorizar os usos das tecnologias, a autora explicita que não é qualquer uso que se faz das tecnologias que pode trazer melhorias para os processos de ensino nas aulas, tampouco com o mero acesso, mas sim com um uso planejado no sentido de “produzir modos de disponibilizar a expressão, em suas modalidades de produção e circulação, a todos aqueles que querem, precisam e/ou podem fazê-lo” (Ribeiro, 2018, p.78).

Em seu sétimo capítulo, Ribeiro (2018) apresenta a justificativa para a escolha do título do livro. A partir de suas experiências como professora de Língua Portuguesa em turmas de último ano do Ensino Médio, retoma o debate sobre a produção de textos nesse nível de ensino, problematizando a redação do ENEM em contraste com as diferentes textualidades requeridas pelos ambientes sociais de que fazem parte os estudantes. Desenvolve os conceitos de “poder semiótico” em Gunther Kress e a cultura escrita como instrumento de poder na sociedade atual, chegando, ao final do capítulo, a demarcar resumidamente o que concebe

como “escrever hoje”.

No último texto, antes da conclusão, discorre-se uma importante reflexão sobre o trabalho pedagógico com as diferentes linguagens e o uso das tecnologias digitais em sala de aula, a partir da constatação de que as “novas tecnologias” não são tão novas assim e a aparente “resistência” dessas tecnologias fazem parte do trabalho pedagógico de professores. Afirma que o uso das TICs poderia oferecer elementos importantes para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem, sinalizando sempre sobre o tipo de uso que se faz: não é o uso em si mesmo. Nesse sentido, apresenta seis elementos de reflexão e ação para a inclusão no trabalho docente das tecnologias digitais: 1) vontade de aprender; 2) usar; 3) relacionar; 4) experimentar; 5) avaliar; 6) administrar o tempo.

Escrever, hoje (2018) é um livro que se destina a professores e pesquisadores interessados na temática das linguagens e das novas tecnologias, especialmente relacionadas com o trabalho pedagógico da linguagem na escola e aponta caminhos possíveis para tal, sem perder de vista a realidade educacional brasileira. É uma boa recomendação para quem está começando a se aproximar do tema.